

Batalha na informação e fim do movimento

26 DE NOVEMBRO DE 1935

O dia começou tranqüilo em Natal: os revoltosos dominavam a cidade e os combates estavam ocorrendo no interior, com suas forças controlando um perímetro cujos pontos mais remotos distavam mais de cem quilômetros: Canguaretama, Baixa Verde e Santa Cruz.

A junta iniciou, então, a batalha da comunicação. Determinou a impressão de milhares de folhetos que continham uma proclamação e informavam as principais medidas tomadas, e de maneira ufanista, a marcha da insurreição pelo país. Um avião da companhia aérea Condor foi requisitado e sobrevoou a cidade, lançando os panfletos. Nesse dia também foi composta e impressa nas oficinas gráficas de A República, órgão oficial do estado, a única edição do jornal oficial da revolução, A Liberdade. Dessa missão foi encarregado Raimundo Reginaldo da Rocha, mossoroense, do comitê regional do PCB, que teve a colaboração de Horácio Valadares, jornalista e membro do secretariado nacional que se encontrava no estado em missão partidária, acompanhando as lutas camponesas da região oeste. Tão logo ecodiu o levante, ambos deslocaram-se para Natal e tiveram participação discreta, mas importante. Acompanhados de Francisco Meneleu, gráfico do jornal, cafeista, assumem o controle

das oficinas, convocam seus gráficos e determinam aos redatores do jornal, o poeta Otoniel Menezes e o provisionado Gastão Correia, a editoração das matérias, a maior parte previamente redigidas por Valadares. Com apenas quatro páginas e datado de 27 de novembro, os mil exemplares do jornal tiveram sua impressão concluída na noite de 26. No momento em que deveriam ser distribuídos, na manhã da quarta, foram todos apreendidos. No final da manhã da terça, 26, chega ao comando rebelde a primeira má notícia: o fracasso do levante do 29º BC, do Recife, iniciado no domingo e subjugado na noite da segunda, com a prisão de seus principais líderes, o capitão Otacílio Lima e o tenente Sílo Meireles, prestistas e comunistas. Na tarde do dia 26, rearticulados em Santa Cruz e após receber reforços de Natal, os revoltosos tomam a direção do Seridó, tentando alcançar Currais Novos. A essa altura a força legalista, coordenada por comerciantes e fazendeiros liderados por Dinarte Mariz e acrescidos de integralistas de Acari e policiais paraibanos, reagrupa-se na Serra do Doutor, entre Santa Cruz e Currais Novos. Enquanto isso, chegam ao conhecimento do comando militar notícias de que, após a rendição do 29º BC, tropas do 20º BC de Maceió e do 22º BC de João Pessoa se dirigiam

ção nas primeiras horas da retirada e preservar a integridade dos prisioneiros de forma a garantir a atenuação de penas em um futuro julgamento. À revelia da Junta e sem seu conhecimento, o sargento Amaro Pereira vai à corveta capitânia em nome dos militares e recebe de seu comandante a garantia do asilo.

No meio da tarde, as tropas rebeldes iniciam a marcha para Currais Novos, sem conhecimento da real magnitude da reação que iriam enfrentar. Em uma das curvas da estrada, na subida da serra, defrontam-se com uma barreira de pedras fechando-lhes a passagem. Inferiorizadas pela surpresa e pela posição do inimigo, bem entrincheirado, resistem algumas horas. Ao escurecer, batem em retirada desordenadamente, deixando em campo três mortos e muitos feridos. As dezenove horas estava encerrado o último combate.

Tarde da noite, em Natal, Quintino recebe um telegrama do comando da Sétima Região Militar no Recife, comunicando o controle da situação em todo o Nordeste e conclamando os rebeldes à rendição. Ao mesmo tempo, começam a chegar as primeiras notícias da derrota na serra. À meia-noite, Giocondo, o sargento Amaro e o cabo Adalberto Cunha, com forte escolta e em três caminhões, realizam a transferência dos presos para os navios. À uma hora da quarta, 27, Santa vai ao 21º BC para fazer uma avaliação e constata, surpresa, que o quartel encontra-se deserto. Quintino, rendido às circunstâncias, determinara a retirada e a dispersão dos remanescentes, liberando-os para a decisão pessoal: fugir ou entregar-se às autoridades militares. Na Vila Cincinato, constatada a derrota, os membros civis da Junta e as lideranças do partido iniciam as providências para a fuga. Destroem os documentos mais importantes e distribuem o dinheiro entre todos os participantes que aí se encontravam. Despedem-se e cada um toma seu destino. Os primeiros a sair, às duas horas, foram Lauro Lago, José Macedo e João Batista Galvão que, juntos, em um automóvel dirigido por motorista, rumaram para Canguaretama. Às quatro horas, em outro automóvel, Santa, sua companheira e um auxiliar, saem em direção a Paraíba por estradas secundárias. Na mesma hora, Praxedes, a pé, a partir da ponte de Igapó, dirige-se a Pajuçara, entre a Redinha e Genipabu. Às cinco horas, Quintino e o sargento Eliziel Diniz Henriques, que era de fato o segundo homem no comando militar, seguiram também de automóvel para Baixa Verde.

Antes do nascer do sol, Natal estava abandonada pelo revolucionários. Foram necessárias algumas horas para que se restabelecesse a autoridade legal. Chegava ao final a tentativa de implantar um governo popular ou a aventura de sobrepôr-se às massas através do golpe militar.



Jornal "A Liberdade", publicado pelo governo comunista no RN